

José Saramago criticará os poderosos do mundo no curto discurso perante os reis da Suécia

# A voz do comunista no momento real

Da nossa enviada  
Alexandra Lucas Coelho,  
em Estocolmo

Os monarcas suecos saberão esta noite como o Nobel da Literatura aponta o dedo aos poderosos em menos de dois minutos. No banquete que se segue à entrega dos prémios, Saramago usará o seu direito à palavra para recordar a Declaração dos Direitos do Homem. Pilar fará flutuar na fimbria do vestido uma "frase de amor" trocada entre Jesus e Maria Madalena, no "Evangelho" escrito pelo Nobel. A tudo isto assistirá Sampaio, que ontem chegou a Estocolmo.

Quando esta noite José Saramago se levantar perante

os Reis da Suécia, no banquete de honra aos laureados pela Academia, será para criticar os poderosos por não cumprirem o seu dever para com os cidadãos. O PÚBLICO sabe que o curto discurso que o Nobel da Literatura fará nesta cerimónia solene — depois de, ao final da tarde, receber o prémio —, tomará como pretexto os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem para denunciar as injustiças, as desigualdades e a miséria que Saramago considera crescentes.

Numa página e pouco (45 linhas de texto, para corresponder ao minuto e meio, dois, que o rigoroso horário do banquete concede a cada Nobel) o escritor português apontará o dedo aos governantes que falham os seus deveres e apelará aos cidadãos para que tomem a palavra.

Será a intervenção de um homem que se confessa desiludido e pessimista, ao não crer que o próximo meio século seja melhor em matéria de Direitos do Homem, mas que se apresenta, ainda assim, esperançado nas capacidades dos cidadãos. José Saramago, o primeiro laureado a falar (às 22h10 de Estocolmo, uma hora antes em Lisboa), começará por se dirigir às Majestades e Altezas Reais presentes no Salão Azul do City Hall de Estocolmo e terminará com um agradecimento aos escritores portugueses e de língua portuguesa, do passado e de hoje, que formam a sua herança.

Depois do comovente discurso perante a Academia Sueca (na passada segunda-feira), a

intervenção no banquete desta noite será o segundo e último momento em que o laureado português tem o direito e a oportunidade de inscrever a sua marca na galeria quase centenária dos Nobel. Em directo para todo o mundo.

## A frase no vestido de Pilar

Mas, além das palavras que Saramago proferir, há outras (suas, também) que entrarão seguramente para a memória desta noite. Porque quando o Nobel da Literatura 1998 entrar no Salão Azul para o banquete real, terá ao seu lado a mulher, Pilar del Rio, e na fimbria do vestido de seda vermelha de Pilar estarão bordadas estas palavras que o PÚBLICO antecipa: "Olharei a tua sombra se não quiseres que te olhe a ti, Quero estar onde estiver a minha sombra, se lá é que estiverem os teus olhos."

Esta mesma frase pode ser encontrada no diálogo final de Maria Madalena com Jesus Cristo (em "O Evangelho Segundo Jesus Cristo"), foi escolhida por José Saramago e Pilar del Rio como uma "frase de amor" e bordada (em letras do tamanho da palma da mão, também a vermelho) a toda a volta da saia rodada do vestido. Não será arriscado afirmar que Suas Majestades nunca terão visto a mulher de um Nobel fazer flutuar assim, na solenidade do Salão Azul, palavras saídas da obra que a Academia escolheu.

Para trás terá já ficado a cerimónia de entrega dos prémios, em que José Saramago será o penúltimo laureado a receber a sua medalha de Nobel. O acontecimento (no Grande Auditório da Sala de Concertos de Estocolmo) abre às 15h30 — hora de Lisboa — com o hino real sueco e prossegue com o desfile dos premiados intercalados por peças musicais. Assim: Schubert antes dos três Nobel da Física, Wagner antes dos três Nobel da Medicina, Sibelius antes do Nobel da Literatura, e Bizet antes do Nobel da Economia.

José Saramago receberá, portanto, a sua medalha entre Sibelius e Bizet. Tudo isto levará uma hora, no fim da qual soa o hino nacional sueco.

## O Presidente com o Nobel

Foi para participar nestes acontecimentos (cerimónia de entrega dos prémios e banquete real) que Jorge Sampaio aterrou ontem em Estocolmo, a meio da tarde (já noite escura...), de cachecol vermelho vivo ao pescoço (inocente fonte de possíveis equívocos, tendo em conta as conhecidas preferências clubísticas do chefe de Estado português). "Venho como amigo velho" explicou o Presidente, que já vai na sua segunda cerimónia de entrega do Nobel a falantes de língua portuguesa.

Poucos minutos depois estava a abraçar José Saramago no hall do Grand Hotel, ponto

de encontro antes da partida para a recepção à comunidade portuguesa, oferecida por Sampaio. Assim seguem os dois juntos, o Nobel teimando no capote alentejano, o Presidente já sem cachecol, três passos na neve e uma limusine em comum até ao Hotel Sheraton, onde os esperam centenas de portugueses radicados em Estocolmo.

Acolhidos por uma multidão compacta, Saramago e Sampaio atravessam a custo o salão do hotel até um pequeno palco. Ai ficarão de pé frente a um mar de figuras morenas em traje de festa, de rostos latinos com olhos brilhantes, a celebrar o que também lhes pertence, um Nobel português na capital escandinava que tomaram como casa. Nem o laureado (num longo improviso), nem o Presidente (em poucos minutos) se esqueceram de os nomear.

Amadeu Batel, o professor radicado em Estocolmo, a quem coube no palco o papel de portavoza da comunidade, dera o mote: "José Saramago tem dito que com este prémio crescemos dois ou três centímetros. Pois aqui o nosso crescimento é muito superior à estimativa. O Nobel fez os suecos olharem-nos de outro modo. Repararem em nós." Sampaio rematou de forma mais abrangente: "Agradecemos todos muito o que este amigo nos proporcionou. Estamos de facto mais altos." E o mar de figuras morenas no Sheraton de Estocolmo rompeu em palmas.

Mas entre o professor e o Presidente, falou o "amigo", o responsável pela aura de orgulho

que envolvia a sala, de "alegria", preferiu ele, Saramago, dizer, a "grande alegria" de quem se reconhece quando se encontra, dos que falam a mesma língua. "Somos da língua que falamos. Há um sentido que eu não quero chamar de patriotismo, mas de pertença a algo. Damos as voltas que dermos nós pertencemos àquela terra." A essa terra, não resiste Saramago a agregar Espanha, sobrepondo o coração ao velho ditado: "Pelos ventos não falo, mas de casamentos tenho experiência..."

Avançou então pela política, que é matéria que, nele, vem agarrada ao resto. Assim foi dizendo, ao lado de Sampaio, que "Portugal está frágil", que "corremos o risco de deixarmos de ser aquilo que temos sido", que "temos uma perplexidade muito funda que é não sabermos aonde vamos", e que "essa perplexidade sabem-na os grandes do mundo, o que não querem é confessá-lo". E, nisto, aproximou-se das palavras que esta noite proferirá no banquete real: a denúncia de "uma sociedade sem nenhum sentido moral que aceita que se mande para Marte um aparelho para ver como são as rochas e deixa milhões a morrer à fome".

Na despedida — além dos votos de um Pai Natal ("o meu já apareceu...") e de "muitos prémios Nobel para a língua portuguesa" (embora já se saiba que "nos próximos anos não o viremos a ter...") —, Saramago desejou para todos "uma vida limpa". A outra coisa não apelará esta noite, frente a Suas Altezas. ■

MANUEL MOURA/LUSA



José Saramago e Pilar del Rio, ontem, em Estocolmo

## O programa

- 16h30\* — Hino Real "Kungssången".
- 16h33 — "Marcha em Ré Maior, KV 249", de Franz Schubert.
- 16h48 — Discurso de Mats Jonson e apresentação do Prémio Nobel da Física, Daniel C. Tsui, Horst L. Stormer e Robert B. Laughlin.
- 16h55 — Discurso de Björn Roos e apresentação do Prémio Nobel da Química, professor John A. Pople.
- 16h59 — Audição da ária "Dich, teure Halle", Canção de Elisabeth da Ópera "Tannhäuser" de Richard Wagner, com a soprano Katarina Dalayman.
- 17h06 — Discurso de Sten Lindhal e apresentação do Prémio Nobel da Medicina, Robert F. Furchgott, Louis J. Ignarro e Ferid Murad.
- 17h09 — Audição da canção "Flickan kom ifrån sin älsklings möte", com poema de Runerberg, "O Encontro da Donzela", com a mesma soprano.
- 17h16 — Discurso de Kjell Espmark e apresentação do Prémio Nobel da Literatura, José Saramago.
- 17h21 — Audição de "Farandole", da suite L'Arlesienne de Georges Bizet.
- 17h23 — Discurso de Robert Erikson e apresentação do Prémio Nobel da Economia, Amartya Sen.
- 17h25 — Hino nacional, "Du gamla, Du fria".
- 17h35 — Audição de "A Marcha Festiva da Rainha de Sabá", de Hugo Alfvén, pelo Real Filarmónica Orquestra de Estocolmo, dirigida pelo maestro Andrew Davis, com a soprano Katarina Dalayman, enquanto os convidados abandonam o Grande Auditório do Stockholm Concert Hall.
- 18h15 — Apresentação dos laureados e outros convidados de honra aos reis da Suécia no Prince's Gallery.
- 18h30 — Os convidados chegam ao Blue Hall.
- 19h — Os convidados de honra entram em procissão acompanhados de música de órgãos e trompetes.
- 19h09 — Proposta de uma saúde ao Rei pelo anfitrião da noite, o professor Bengt Samuelsson, Prémio Nobel de Medicina, de 1982.
- 19h10 — O Rei propõe uma saúde em memória de Alfred Nobel.
- 19h15 — O primeiro prato é servido ao som da Stockholm Sinfonietta, dirigida por Cecilia Rydinger Alin.
- 20h55 — Divertimento musical com a soprano Katarina Dalayman, durante 15 minutos, logo após ser servida a sobremesa, ao que se seguem sessões de fotografia.
- 21h50 — Hora do café, com os estudantes das universidades a ostentarem os estandartes, prestando homenagem aos laureados.
- 22h10 — Discursos dos laureados.
- 22h25 — Sinal para levantar das mesas e início do baile no Golden Hall com The Kustbandet Orchestra. No final, a familiar real recebe os laureados. ■

\*hora de Estocolmo

carta de Estocolmo

Pilar del Rio\*

# As duas sombras de José Saramago

SE EU não acabar esta carta, o responsável será Tore Zetterberf. Tore Zetterberf e o tempo, que em Estocolmo, durante os dias do Nobel, é um bem tão precioso como escasso. O que acontece é que o Ministério dos Negócios Estrangeiros sueco dispõe de um funcionário perito em línguas para acompanhar cada laureado, e a sombra de Saramago é Tore. Sombra, aviso e ameaça. Cada vez que ele aparece é porque é chegado o momento de cumprir outro compromisso e é implacável: os horários existem para serem cumpridos e dois minutos de atraso é mais que um drama, uma tragédia.

Não sei se todos os suecos são tão rígidos como Tore. Sei que são pontuais, austeros, comedidos, simpáticos, mas se compartilham com Tore o seu sentido da responsabilidade este país, a Suécia, salvará o mundo, pelo simples facto de o obrigar a andar, hora após hora, na direcção certa e sem atrasos. Grande tarefa sem dúvida a que a Suécia tem por diante. Vejo Tore transpirar porque não consegue arrancar Saramago do grupo dos portugueses, porque o escritor pára a conversar com quem o saúda, porque não respeita o programa, porque quer fazer uma pausa entre dois actos para manter um en-

contro, e isso é quase um delito: se não está na agenda, não é possível.

De qualquer forma tenho que dizer que Tore é simpático. Ri como as crianças, com um riso franco e aberto, como só se riem as pessoas que têm a consciência tranquila, porque fizeram o seu trabalho.

A outra sombra de Saramago é um português que vive na Suécia há mais de 30 anos. Chama-se António Afonso e é o motorista que leva o laureado de um sítio para outro, seguindo o ritmo inumano da agenda do Nobel da Literatura. António fornece a nota tranquilizadora, diz que vamos chegar a tempo, que conhece um atalho, que não há problema. António levou os sapatos de Saramago para que um sapateiro, talvez também português, pusesse umas solas de borracha por cima das de couro, para evitar uma queda sobre a neve gelada, "não vá alguma coisa impedir-nos de receber o Nobel". António rola por Estocolmo, com o coração radiante, porque será ele que vai levar Saramago a receber o Prémio Nobel. Agora deixos: Tore espera, e o seu olhar é um desafio. ■

\*jornalista, mulher José Saramago, escreve diariamente esta crónica para o PÚBLICO

Homenagem dos escritores lusófonos

# Festa da língua portuguesa em Lisboa

OS MOÇAMBICANOS José Craveirinha e Mia Couto, os angolanos Manuel Rui Monteiro e Pepetela e o cabo-verdiano Germano de Almeida são alguns dos escritores que deverão estar presentes hoje à tarde na Aula Magna da Reitoria, em Lisboa, para uma Festa da Língua Portuguesa em homenagem a José Saramago que também hoje pelas 15h30 recebe o Prémio Nobel da Literatura em Estocolmo. A cerimónia da entrega do prémio e o discurso de Saramago serão transmitidos em directo via satélite.

Do programa organizado pelo Ministério da Cultura e pela Reitoria da Universidade de Lisboa, consta ainda a exibição de tunas académicas, do coro da universidade e do Projecto Sons da Fala.

As Tunas Académicas da universidade dão início ao programa, animando a zona circundante da Reitoria, a que se seguirá a exibição, às 14h30, do coro da universidade que interpreta canções regionais portuguesas e brasileiras de Fernando Lopes Graça, bem como um poema de José Gomes Ferreira, com música daquele compositor.

De seguida, assistir-se-á às intervenções curtas do Reitor da Universidade de Lisboa, Jo-

sé Barata-Moura, e do ministro Manuel Maria Carrilho, para depois se ouvirem as homenagens de Manuel Guimarães, poeta e professor da Universidade de Lisboa, e dos escritores Manuel Rui, Orlanda Amarilys (Cabo Verde), António Lopes Júnior (Guiné-Bissau), Mia Couto, Inocêncio Mata (São Tomé e Príncipe) e Luís Cardoso (Timor Leste).

Como mote dos breves discursos dos escritores lusófonos poderiam ser estas palavras de Saramago: "Os livros estão aqui, como uma galáxia pulsante... e as palavras dentro deles, são outra poeira cósmica flutuando".

Pelas 15h30 é o momento solene do começo da cerimónia de entrega do Nobel ao autor de "Todos os Nomes", directamente do Stockolm Concert Hall. O programa da Festa da Língua Portuguesa encerra logo de seguida com um concerto do Projecto "Sons da Fala", que é integrado por nove cantores, Sérgio Godinho, Vitorino, Janita Salomé, Tito Paris (Cabo Verde), Filipe Mukemga (Angola), André Cabaco (Moçambique), Guto Pires (Guiné-Bissau), Juka (S.Tomé e Príncipe) e Nill Luz (Brasil). A entrada para a festa é livre. ■ R.F.S.

ecos de Estocolmo

## O embargo furado

O DISCURSO que José Saramago fará hoje no banquete real (ver texto nestas páginas) foi cedido ontem a alguns jornalistas com a condição expressa de não serem feitas transcrições exactas antes da hora a que o Nobel começará a falar. Fica assim facilmente explicada a fúria de Saramago quando, à noite, a SIC furou este embargo, citando as palavras do escritor e exibindo o documento perante as câmaras.

## "O meu pai não é frio"

DOIS MESES depois desse dia em que o pai lhe telefonou e disse apenas "Violante..." antes de os dois desatarem a chorar, a filha de José Saramago aterrou ontem em Estocolmo para assistir à entrega desse prémio cujo anúncio os tinha deixado assim, sem palavras. À chegada, Violante Saramago (que ainda não falara com o pai desde que ele está em Estocolmo) contou ao PÚBLICO como o discurso de segunda-feira, perante a Academia sueca, a surpreendeu: "Foi muito sentido. Não pensei que ele fosse chamar a este discurso os meus bisavós, não é muito o estilo dele, expor-se daquela maneira." Mas sublinha: "O meu pai não é uma pessoa fria, tem uma emotividade à flor da pele. Há certos gestos, certas

caretas que às vezes dão outra imagem dele, mas são apenas formas de distanciamento, não correspondem senão a uma desesperada defesa, para ele se aguentar."

## Agora todos juntos

VIOLANTE SARAMAGO, o marido, e os dois filhos (Ana, 26 anos, e Tiago, 14) são quatro dos dez convidados pessoais de José Saramago para as cerimónias de hoje. Com os familiares (incluindo o enteado Juan, filho de Pilar del Rio) e amigos, chegaram os restantes convidados do Nobel da Literatura 1998: Eduardo Prado Coelho, Eduardo Lourenço, Baptista Bastos.

## O Saramago verdadeiro

ANTÓNIO FERNANDO Canela Saramago apresentou-se ontem ao Saramago Nobel como sendo "o Saramago verdadeiro", na recepção à comunidade portuguesa oferecida pelo Presidente da República. Conhecida como já é a história da alcunha 'saramago' que ficou no registo por erro do notário, este cidadão radicado em Estocolmo, natural do Redondo, Alentejo, aproveitou o apelido verdadeiro, herdado da família, como argumento para dois dedos de conversa com o laureado, por entre a multidão reunida no salão de um hotel da capital sueca. ■ A.L.C.

# 50 Anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem



10 de Dezembro, aniversário da assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem. D. José Policarpo, Mário Soares e Adriano Moreira, debatem as violações à carta fundamental da Nações Unidas. Despertar, Quinta-feira - 8H00



rádio renascença  
Liderança. Há 20 Anos Consecutivos